

'Fazersentirpensar' com imagens os cotidianos

Danielle Oliveira

*Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade.
A gente só descobre isso depois de grande.
(Manoel de Barros)*

O quintal como um *'espaçotempo'* formativo no cotidiano da Educação Infantil e para além dele

Seguindo os ensinamentos de Paulo Freire (1983, p.11), que nos diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, para quem assim como eu, atua com a primeira etapa da Educação Básica, é importante conhecermos que mundo é esse que a criança lê e como as imagens presentes nos diversos *'espaçotempos'* do seu cotidiano possibilitam um *'fazersentirpensar'* formativo a partir de um currículo vivo, em movimento, atento e inclusivo.

Atuando com crianças desta etapa, durante suas interações e brincadeiras no quintal do CAp-UFRJ, no qual estive como professora no período de 2020-2021, me dei conta do quão privilegiada eu era por ter crescido em um grande quintal. As imagens a seguir foram registradas em março do meu primeiro ano de contrato, uma semana antes do início do período pandêmico, e outras no ano seguinte, no final do contrato, após o retorno parcial das crianças à escola.

Figura 1 e 2 – Crianças brincando no quintal do CAp-UFRJ



Fonte: Acervo pessoal do Infantil 3 (2020).

Essas imagens me remetem as minhas experiências quintaleiras (COUTINHO; BASÍLIO; CERQUEIRA e OLIVEIRA, 2022) da minha infância “simples” à margem, em uma área periférica, mas sempre repleta de primas e amigos. Afinal, viver à margem – apartadas da sociedade, mas juntas na comunidade –, e agora, com experiência de fora, me tornou uma *outsider within* (estrangeira/forasteira de dentro), como nos ensina a socióloga afro-americana Patricia Hill Collins (2016). Através de seus estudos sobre pensamento feminista negro, ela nos faz entender que neste movimento, desenvolvemos uma forma particular (individual e coletiva) de ver e narrar a realidade, com proximidade, mas também distanciamento, com preocupação mas também indiferença, entretantosempre experimentada com todo o corpo, nos provocando de alguma forma a trazer o “simples como farto”¹ através de modos outros de viver, ver, sentir e ouvir outrora impedidos ou até impossíveis de serem praticados e defendidos (OLIVEIRA, 2020).

Não à toa tornaram-se privilegiadas as crianças que durante o início da pandemia, com a suspensão das atividades educacionais presenciais, tinham um espaço para chamar de seu, fosse ele seu quintal ou a rua, que para muitos sujeitos periféricos é o seu grande quintal. Foi no meio do caos que eu resignifiquei aquele espaço, cotidiano – que de simples não tinha

¹ A simplicidade é uma questão de perspectiva, bem como a fartura, como nos mostra a cineasta Yasmin Thayná, através do filme produzido por ela, *Fartura* (2019).

nada –, o entendendo como uma rede educativa (ALVES, 2019) repleta de memórias: era uma grande área verde, comprado pelo meu avô materno, alguns anos após sua migração do Nordeste para o Sudeste. Atualmente neste quintal existem nove casas, todas de filhos/as e netas/os do proprietário nordestino que vive aqui há mais de 40 anos. Este é o morador mais antigo desta pequena rua.

Figura 4 e 5 – Crianças brincando no quintal do CAp-UFRJ



Fonte: Acervo pessoal do Infantil 4 (2021).

Deste modo, chamo atenção aqui para a importância do desemparedamento das infâncias e da Educação Infantil (TIRIBA, 2018; 2021), como proposto pela professora Léa Tiriba, reafirmando que o quintal pode ser um *espaçotempo* de acontecimentos formativo (e ancestral), sendo esse um espaço repleto de possibilidades, incluindo experiências e vivências dos valores civilizatórios afro-brasileiros, como: cooperativismo, oralidade, musicalidade, ludicidade, circularidade (TRINDADE, 2010), alguns desses já previstos, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009), que nos provocam a pensar nos tantos modos outros de (re)existência desde a primeira infância.

Referências:

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019, p. 115-133.

COUTINHO, Joice Carvalho; BASÍLIO, Priscila de Melo; CERQUEIRA, Maria Marta de Andrade; OLIVEIRA, Diná Teresa Ramos de. Educação Infantil e afeto: tecendo os fios, desatando nós, construindo ideias, desemparedando a vida e as infâncias. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v.8, n.1 – p. 134-147 jan.-mai. 2022: "Por uma pedagogia macunaímica" – E-ISSN 2359-6856.

COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. In: Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria** – Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. 2ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. ISBN 978-85-7753- 339-8.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto (orgs.). **Modos de brincar: caderno saberes, fazeres e atividades**. Rio de Janeiro: Fundação Marinho, 2010, p. 11-15. ISBN 978-85-7484-491-6.

Sobre a autora:

Doutoranda e mestra pelo ProPEd/UERJ; pedagoga pela UERJ e especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico pelo Colégio Pedro II; É membro-pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Culturas e Identidades no Cotidiano" - ProPEd/UERJ e do Grupo de Pesquisa e Extensão "Currículo em Movimento na Educação Infantil" - CEIMOV-UFRJ.